

500
259
VASCO DA GAMA FERNANDES

H. G. 27685^o

NAZARÉ
E O SEU PÔRTO

(Separata do n.º 961 da *Seara Nova*)



LISBOA
1 9 4 6

Shi

NAZARÉ E O SEU PÔRTO

1975

Composto e impresso na «Gráfica Lisbonense», Rua da Rosa, 238/240—Lisboa

Shi

VASCO DA GAMA FERNANDES

276858

NAZARÉ E O SEU PÔRTO

(Separata do n.º 961 da *Seara Nova*)



R. 167740

LISBOA
1 9 4 6

MAZARE
E O SEU PORTO



182240

Nenhuma praia do país reúne as raras condições da Nazaré. Bem sei que a multidão sequiosa de ar e repouso que enxameia a praia e a vila torna-a, por vezes, extenuante e tumultuária. Mas as alegrias daquele mar donairoso, a frescura das manhãs e dos poentes, o característico inegalável dos habitantes e dos costumes, a adamastoriana perspectiva do Sítio, com o paralelo recolhimento da alma religiosa das gentes e até as facilidades de transporte e a fartura dos mercados, anulam o calor taumáquico das discussões ribatejanas e ó flutuar da multidão nos passeios da Praça.

Quando o mar se lembra de viver, o espectáculo assume, então, aspectos duma epopeia e duma beleza forte que não esquece. Ei-lo apoplético, rompendo os pedregulhos e os montículos, esgueirando-se para, brevemente, se despedaçar na praia e nos muros ou esgueirando-se vitorioso, num admirável noivado de espuma, a engrinaldar a sentinela petrificada do Guelhim.

Com tamanhas condições de estética panorâmica era de supor que a Nazaré se comprazia, voluptuosamente, em ofertar aos seus visitantes as galas duma perene felicidade.

Mas, envolta no seu manto de beleza eterna, a Nazaré guarda momentos supremos da mais trágica angústia e esconde, a quantos a admiram e amam, as lágrimas e os soluços dos seus lutos fantásticos...

II

O pôrto da Nazaré!

Quantas palavras gastas, quantas páginas escritas, quantas representações e quantos «vivós» e fungagás perdidos no marulhar confuso que é a sociedade portuguesa.

E sempre, sempre, o mesmo!

O barco que parte para a aventura das correntes, sem norte, guiado sôbre as ondas pela heróica renúncia dos tripulantes, deixando na praia lisa o angustioso pesar da família que, obcecada, revê, no desfazer da espuma, a própria derrocada das suas ilusões.

A notícia corre célere...

E o mar, num último lampejo de generosa solicitude, deposita os corpos inchados da meia dúzia de homens que, num arroubo de loucura, o quiseram dominar, sem cautela, sem fôrça e sem apoio!

Essa a parte sentimental do problema que, só por si, bastaria para levar ao coração e ao cérebro o imperativo dever de pôr têrmo ao sudário e ao destino impiedoso da população nazarena.

Mas mesmo sem coração — como se as grandes obras se erguessem sem o acicate poderoso da paixão! — e só com a frieza rígida, mecânica

dos números, a construção do pôrto da Nazaré é obra eminentemente nacional.

Às minhas mãos acaba de chegar, remetido por alguém que nas letras modernas é valor e é gente, um curioso opúsculo que, na sua simplicidade, reúne a argumentação numérica irrespondível, que coloca o pôrto da Nazaré no plano superior das prementes necessidades pátrias.

A Nazaré vive e sonha com o mar. Essa vida e esse sonho já um Guilherme Felipe os pintou no vibrante das suas telas.

Com cerca de 10.000 habitantes é no mar, e sô nêle, que a sua maioria esmagadora procura o peixe que depois é pão...

Em 1931 ocupavam, na faina dura e heróica, nada menos do que 4.123 pescadores e se, de então para cá, o número desceu sensivelmente, procure-se nas pèssimas condições de trabalho e na tentativa justificada de Peniche e Matozinhos, a a razão do êxodo alarmante.

Quando em outra qualquer praia o fenómeno da falta de trabalho, com a sua correlativa miséria, se baseia ou na carência de peixe ou na exigüidade aflitiva dos mercados, o problema do «chômage» nazareno resume-se a esta tragédia: as pèssimas condições de embarque.

Do elucidativo opúsculo referido transcrevemos:

Ano de 1938—dias em que puderam ir ao mar—dias livres, 140; dias perigosos, 37; total, 177.

Dias em que não puderam: 188.

Não precisa de comentários a eloquência destes números terríveis!

Mesmo com a diminuição de pescadores inscritos, depois de 1931, a Nazaré ocupa, entre os

centros piscatórios, o quarto lugar no que se refere à densidade da população que se entrega aos labores do mar (1).

Vejam, para melhor ilustrar os factos, a «fala» deste outro quadro.

Números de pescadores inscritos:

Aveiro, 6.139; Pôrto. 4.071; Leixões, 2.969; Nazaré, 2.886; Setúbal, 2.796; Lisboa, 2.682; Portimão, 2.176; Peniche, 2.082; Figueira da Foz, 2.018; Sesimbra, 2.014; Esposende, 1.951; Olhão, 1.631; Póvoa de Varzim, 1.544; e Viana do Castelo, 1.505.

E lembrarmo-nos da copiosa benemerência do Estado para com todos estes portos, com excepção da Nazaré!

E' claro que, por motivos já anteriormente apontados, a densidade da população piscatória não está em relação com o resultado económico extraído do mar.

Mas isso, como se disse, e é já axioma nas coisas nazarenas; deve-se exclusivamente às péssimas condições que a praia oferece, em especial para a saída dos barcos.

Abandonadas as primeiras vagas e remoínhos o barco galgará, triunfalmente, o altear mais sossegado do mar alto.

Mas para lá chegar! Quanto esforço, quanta pertinácia!

(1) O estabelecimento na Nazaré duma frota bacalhoeira é também um problema digno de estudo pela sua repercussão na economia nacional. Aveiro contribui com grande número de pescadores para as odisseias da Terra Nova.

Imaginemos o sofrimento—porque não dizê-lo, a raiva—do pescador que, da praia, vê ao longe, em mar amável, companheiros seus de outras terras ou estrangeiros ousados a rapaces, trabalhando sossegada e proveitosamente, e ele, ali, naquele chão ingrato, amarrado à arrebenção furiosa das vagas!

E' esse o drama dantesco da Nazaré.

Mas prossigamos na recolha dos números que, tão solícitos, nos convencem da razão da Nazaré.

Comparemos Peniche com a nossa praia.

A população piscatória é presentemente em maior número na Nazaré. Presentemente, não. Foi-o sempre.

Pois, sendo a diferença a favor da Nazaré, de 800 pescadores, o seu rendimento em escudos foi, em 1934, de 3.633.924\$00 e Peniche apresentou, no mesmo ano, 12.031.227\$00!

E não é só no acréscimo dos pescadores que a Nazaré supera Peniche.

Em barcos: Nazaré mais 259. Tonelagem: Nazaré mais 401.

Não falando, especificadamente, nas diversas modalidades de embarcações à vela, motor e remos, em que a superioridade nazarena é manifesta.

Na sua sua infeliz odisseia a Nazaré assiste confrangida e impassível ao desabar das suas ilusões.

Um lampejo de esperança a animou quando, em 1930—já lá vão nada menos de 15 anos!—o então ministro do Comércio, Dr. Antunes de Guimarães asseverou, com optimismo certamente exagerado:

«Podem os nazarenos estar absolutamente confiados em que embora se não venha a fazer por agora uma obra rica, porque ainda não estamos no momento de materializar fantasias, se procurá construir dentro do mais curto prazo de tempo e sem exceder as possibilidades do tesouro, um pôrto que lhes permita o livre exercício da pesca, deminuição do pesado fardo que, pela força do destino, há tantos anos acarretam.»

Já lá vão 15 anos! E a Nazaré, sem se julgar merecedora duma obra rica, aguarda, desoladoramente, uma obrita singela e pobre que estancasse a corrente dos seus lamentos e das suas lágrimas.

E essa obrita singela e pobre nada mais seria do que a construção, por agora, dum resistente molhe que abrigasse o futuro pôrto dos ventos traiçoeiros do S.O. até N.O. por Oeste, já que a natureza, nesta parte amável, contém os ventos N. até N.O. com a saliência rija do promontório da Senhora da Nazaré.

Tudo tem servido para protelar semelhante obra de rescendente altruísmo patriótico.

Pensou-se até em menosprezar a razão nazaréna com a evocação das necessidades portuárias de S. Martinho do Pôrto.

Sempre consideramos S. Martinho do Pôrto como a nossa primeira praia de turismo. Excelente enseada onde os deportes náuticos encontram mar calmo e solícito e onde uma escola de mareantes — pilotagem, treino de marinheiros, remo, vela, etc. — se integraria, proveitosamente, na paisagem marinha e sedutora.

Mas compará-lo, no aspecto piscatório, à Nazaré é atrevimento ousado e maldoso.

Vejamos, de novo, o que a êsse respeito nos dizem os números.

No «Relatório da Comissão de Classificação dos Portos do Continente», de 21 de Dezembro de 1928, com referência ao ano anterior, diz-se:

Pôrto da Nazaré— O seu movimento acha-se reduzido às embarcações de pesca.

Número de barcos: 425.

Número de pescadores: 2.289.

Valor do pescado: 5.064.000\$00.

S. Martinho do Pôrto— O movimento de navios, foi, em 1927, representado por 15 embarcações entradas, com a tonelagem total de 422 toneladas e cêrca de seiscentas de mercadorias.

Em 1886, o Comandante Baldaque da Silva escrevia no seu livro «Estado actual das Pescas em Portugal»:

Nazaré:

Número de embarcações: 65.

Número de pessoas: 539.

Valor do pescado: 86.605\$00.

S. Martinho:

Número de embarcações: 12.

Número de tripulantes: 46.

Valor do pescado: 243\$00.

Só por ironia amarga se pode estabelecer qualquer comparação.

A tragédia nazarena, mesmo com os aspectos fúnebres de que se reveste e com a sua primitividade alarmante, oferece ainda estes números contundentes :

O seu rendimento nos últimos 10 anos — 1924 a 1933 — foi de 50.219.580\$00, o que dá uma média anual de 5.021.958\$00.

Tudo leva a supor que, com o seu pôrto, facilmente triplicasse a prometedora cifra.

E nos mesmos números, agora arripiantes, encontramos de 1901 a 1934, êste matadouro insaciável :

Número de naufrágios : 33.

Número total de tripulantes : 432.

Número de tripulantes que se salvaram : 346.

Número de tripulantes mortos : 86.

* * *

Bem sabemos que a construção, já referida, do resistente molho que abrigasse o pôrto futuro teria que ser seguida, mais tarde ou mais cedo, pela realização completa da obra.

Dispendiosa? Certamente.

Mas há obras inadiáveis que comportam todos os sacrifícios e, no caso particular que vimos tratando, a coisa não assume aspectos de apostolado...

Em Agosto de 1930 os técnicos, orientados pelo engenheiro Duarte Abécassis, escolheram o local próprio: a foz do rio Alcoa.

Elaborou-se um plano,

Dois grandes molhes, um ao norte e outro ao sul da foz daquele rio, com o aproveitamento do seu estuário para pôrto interior.

Da exposição que o extinto «Sindicato dos Pescadores da Nazaré» dirigiu ao Governo transcrevemos mais êste pormenor técnico, animador para os que, duma vez para sempre, pensarem na urgente obra :

«E, no entanto, o nosso pôrto é um dos que têm melhores possibilidades futuras. Basta examinar as sondagens rigorosamente registadas no respectivo plano hidrográfico, para se reconhecer que há-de vir a ser um dos melhores, entre Lisboa e Leixões, visto os fundos verificados permitirem fácil acesso a tôdas as embarcações que dêle venham a utilizar-se.»

* * *

Independentemente da fria razão dos números, a construção dum pôrto de abrigo na Nazaré é problema que, de há muito, deveria constituir um dever do Estado.

A navegação na costa portuguesa encontraria nêle um arrimo e uma certeza, dados os perigos que a podem acometer, em especial das Berlengas para cima.

Além do enriquecimento da economia nacional pelo acréscimo da indústria piscatória, poderia êsse pôrto ser, de futuro, a saída para o mar dum certo número de produtos que, custosamente vão, mais longe, procurar o escoadouro.

O Pinhal do Rei vem debruçar-se, com a sua riqueza florestal, junto às terras limítrofes, e as indústrias da Maceira, os vinhos e os frutos de Alcobaça são vizinhos da Nazaré.

Acresce que as miseráveis condições sociais da Nazaré obrigam-nos a procurar uma rápida e tenaz solução.

* * *

Breve vai recommençar a aventura marinha do pescador da Nazaré.

Neste escurecer lento das tardes de Outono, prenúncio de fatais tempestades e de novas dores, de lutos para a pobre gente nazarena, aqui fica esta minha desvaliosa solidariedade.

Não seria justo que desventurado escrevinhador de prosas inofensivas, como eu, não tentasse liquidar esta dívida de gratidão para a mais portuguesa das nossas praias.

... Como se fôsse possível pagar aquêl Sol, aquêl ar, aquêl ambiente que faz de nós eternos namorados das pedras, das águas e do céu da NAZARÉ!



